

As potencialidades agrícolas do Vale do São Francisco

Pelos números tem-se idéia de um país: 640 quilômetros quadrados, área superior à da França, ou mais que o dobro da Itália, e dezenove vezes a Holanda. População: 12 milhões de habitantes - maior do que a da Bolívia e Chile. A população é muito pobre, tendo, em 1980, uma renda per capita de US\$ 466 contra US\$ 1.700 da média brasileira. O padrão de vida é muito baixo, o índice de analfabeto é elevado e o despreparo é geral para uma agricultura que, segundo, Eliseu Alves, Presidente da CODEVASF, sai rapidamente, de um estágio dos tempos do império para o século XXI. A população do meio rural foi bastante discriminada, no que diz respeito a investimento em saúde e educação.

O vale do São Francisco é bastante rico de recursos naturais. Tem abundância de água e pode gerar energia elétrica, com um potencial de 21.126 MW dos quais 5.326 MW estão em operação e 2.085 em Construção. Essa fartura de energia leva conforto às grandes e pequenas cidades e impulsiona as indústrias, mas ainda beneficia muito pouco o setor rural.

Para essa região muito pobre e potencialmente rica em recursos naturais já foram elaborados diversos planos de salvação. Em 1852, bastante preocupado com o abandono das populações do Vale e com a importância que o Rio São Francisco representa como via de transporte, Dom Pedro II contratava o serviço do engenheiro alemão Henrique Fernando Halfeld para proceder um levantamento completo do rio, da cachoeira de pirapora até a foz. O levantamento apontou problemas que ainda hoje são discutidos, sem solução. A dragagem de alguns trechos difíceis para a navegação, por exemplo: só em 1969, mais de cem anos após as recomendações feitas por Halfeld, esse serviço seria começado em caráter definitivo pelo DNPVN (Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis).

Nenhum dos planos feitos para salvar o Vale conseguiu, até hoje, modificar substancialmente as condições de miséria em que vive a grande parte de sua população. O primeiro grande plano global, para cuja execução foi criada em 1948 a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), obteve resultados apenas paliativos. Com recursos financeiros de 1% da renda tributária da União, a CVSF tinha um prazo de vinte anos para "balançar" com a estrutura atrasada da região, executando serviços de regularização do rio, navegação, eletrificação, transporte, comunicações, educação, saneamento, saúde e assistência, fomento à produção agropecuária, reflorestamento, irrigação e colonização.

Alguns pontos do programa - tão vasto quanto o subdesenvolvimento do Vale - foram tocados em partes. Outros não chegaram sequer a ser começados. A obra mais importante que deixou foi a barragem de Três Marias.

Com a reestruturação em 1967, a Comissão virou SUVALÉ (Superintendência do Vale do São Francisco) - que se deparou com os problemas de uma região quase tão subdesenvolvida quanto em vinte ou trinta anos atrás. Depois da SUVALÉ veio a CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco), mas o "país" do São Francisco vive ainda em extrema pobreza apesar do seu potencial. O programa de irrigação que o Governo está implantando é uma forma de acabar com estes problemas, caso, os recursos sejam bem aplicados.

Com a irrigação o Vale do São Francisco pode ser um "paraíso" já diziam há muito tempo técnicos políticos e literatos.

Pode. A irrigação feita pela iniciativa governamental e pela iniciativa privada quando foram oferecidas condições mínimas - mostra, inclusive, nas áreas semidesérticas ocupadas pela caatinga, algumas "manchas verdes", verdadeiros oásis. Mas ao redor desses oásis continuam a desolação, a miséria, e a exploração rudimentar e incerta de terras.

O Vale dispõe de aproximadamente 4,3 milhões de hectares irrigados, cerca de 6,7% da área total. Não há água para irrigar tanto e tanta energia elétrica produzir, afirma Eliseu Alves.

O solo apresenta uma fertilidade média, havendo áreas férteis e outras muito pobres. Não falta energia solar, tanto em forma de calor como de luminosidade. Duas safras são possíveis com a irrigação, e a produtividade potencial é das mais altas do mundo.

No Vale são cultivados diversos produtos, como algodão, feijão, milho, arroz, fumo, mandioca e mamona (42% do Brasil). Dados preliminares indicam uma área já irrigada de 100 mil hectares, sendo, 46 mil da CODEVASF. Nas áreas irrigadas do submédio, de modo especial, nas regiões circunvizinhas de Juazeiro, na Bahia e Petrolina, em Pernambuco, as produtividades são bastantes animadoras, como é o caso do tomate rasteiro, cuja produtividade chega a competir com a da Califórnia (EUA), onde os índices são os mais elevados do mundo. As uvas do Vale são de excelente qualidade e coloração, e produzem duas safras e meia por ano, com produtividade média de 16 toneladas/ha, contra 15 t/ha, da média nacional.

A produtividade média comercial de cebola é de 20 t/ha contra apenas 10,3 t/ha das outras regiões do País.

O pimentão é de excelente qualidade e a região do Submédio é pioneira em exportação de pimentão em pó.

O melão supera em sabor, qualidade, tamanho e produtividade, os cultivados nas regiões tradicionais brasileiras. Graças à fertilidade do solo, a facilidade da irrigação e a quase total ausência de doenças e pragas, a produtividade chega a atingir médias de 17 t/ha. O ciclo de produção está em torno de 70-80 dias, contra 120 dias nas outras regiões tradicionalmente produtoras.

Praticamente sem o emprego de agrotóxicos, em virtude das condições climáticas da região, o meloeiro pode ser cultivado quase o ano todo, utilizando-se mão-de-obra especializada, barata e apresentando o melhor grau brix do Brasil.

A extraordinária qualidade do melão do Vale do São Francisco, garante a exportação de aproximadamente 20% da produção para o exterior e o restante para o centro-Sul do País.

Outra olerícola que está se comportando muito bem na região é o aspargo. Cultura típica de clima temperado, já alcançou experimentalmente a produtividade de 10,5 t/ha, enquanto no Rio Grande do Sul, o maior produtor, a média é de 2,0 t/ha.

No que se refere a fruteiras, o Vale produz figo, goiaba e manga de excelente qualidade.

A goiaba e figo em virtude das condições climáticas da região geram frutos mais doces, com qualidade superior, menos problemas fitossanitários e permitem a primeira frutificação em dois anos após o plantio, enquanto em outras regiões só ocorre após quatro anos.

O Submédio São Francisco, de modo particular, o município de Juazeiro, vem cultivando cana-de-açúcar há 8 anos e já possui 5 mil hectares irrigados, alcançando uma produtividade de 130 t/ha, contra 56 t/ha do sul do país.

O ciclo de maturação da cana produzida na região de Juazeiro é de apenas 12 meses contra 18 meses do resto do Brasil. Com 1 tonelada de cana são produzidos 110/115 Kg de açúcar, enquanto nas demais regiões brasileiras, a produção é de apenas 80/90 Kg.

Até tâmara que é cultura típica de regiões quentes e secas como o Vale do Nilo, Arábia e Pérsia, está se comportando bem no Vale do São Francisco. Nos países de origem - África e Argélia - a tâmara produz com oito anos, no Vale, está produzindo com apenas dois anos.

F. Lopes Filho - Pesquisador do CPATSA/EMBRAPA.

Fontes: Alves, E. R. Irrigação, um ótimo negócio, - CODEVASF, Jornal da Irrigação nº 12, 1986.
Itaú Rural, nº 72, 1986.
O Vale da Esperança. Revista Realidade, março 1972.